

SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS
INICIAIS**

Autora: Franciane Izidoro Leite de Oliveira

Itapeva – São Paulo – Brasil

SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Autora: Franciane Izidoro Leite de Oliveira
Orientadora: Prof^a. Msc. Delcy de Oliveira Lacerda

“Trabalho apresentado à faculdade de Ciências sociais e agrárias de Itapeva como parte das obrigações para obtenção do título pedagoga.”

Dezembro / 2014
Itapeva – SP

Folha de Aprovação

“No meio de toda dificuldade encontra-se a oportunidade”
Albert Einstein

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma esteve ao meu lado nesses quatro anos, e em especial a minha filha Lorrany, pois é nela que sempre busquei forças para lutar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, por todos os dias ter me dado forças e não ter me deixado desistir nos momentos difíceis, sem ele não conseguiria jamais chegar até aqui.

A meus pais **Sonia** e **Luís**, que fizeram o possível e o impossível para que este sonho se tornasse realidade, sem eles não teria conquistado tudo o que estou conquistando.

A todas as **minhas irmãs** que também me ajudaram, estando ao meu lado e me apoiando sempre.

A todos os colegas, em especial **Lourdes, Claudenice, Aparecida** e **Sílvia** que em meio a tantas dificuldades estivemos sempre juntas, e juntas conseguimos vencer.

Ao meu esposo **Fábio** que sempre teve paciência, nos meus momentos de estresse, me ajudou em tudo, orou quando tudo parecia impossível e esteve sempre presente na minha vida.

A querida professora **Delcy Lacerda** por ter Sido minha orientadora, confiando sempre em minha capacidade e enriquecido meu trabalho, que Deus a abençoe sempre.

Ao atencioso professor **Bruno Vespasiano** que com toda paciência e clareza em suas palavras, nos orientou e cobrou de nós cada página, que Deus o ilumine cada vez mais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A DIFÍCIL ARTE DE MEDIAR O ENSINO- APRENDIZAGEM	12
2.1 A aprendizagem e os seus distúrbios.....	15
2.2 A capacidade cognitiva e as dificuldades de aprendizagem.	18
3. A PSICOMOTRICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA.....	21
4. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	24
5. O ENSINO DE MATEMÁTICA COM SIGNIFICADO REAL	26
6. MATERIAL E MÉTODOS	31
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
9. REFERÊNCIAS	35

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Resumo – O presente trabalho apresenta uma análise, que tem o objetivo de verificar as principais dificuldades no contexto escolar, entre o relacionamento do educador com os seus respectivos alunos, pois os problemas, que podem ser desencadeadores do fracasso escolar, estão intimamente relacionados com a postura do educador, frente as dificuldades de seus alunos. Sabemos que a qualidade do ensino, é uma das principais causas do fracasso escolar, todavia, se faz necessária as devidas reflexões sobre esta relação, do ensino- aprendizagem, levando em conta às concepções de ensino as novas tendências da educação. Se considerarmos que a escola democrática tem objetivos diferentes, da escola tradicional, é preciso criar ações de equilíbrio, que possam colaborar para a superação do risco, em relação ao fracasso das crianças que fogem aos padrões normais, por não se enquadrarem no modelo de aprendizagem da escola ou do educador.

Palavras chave: Alfabetização, dificuldades no ensino, escola

DIFFICULTIES IN THE EARLY YEARS LEARNING

ABSTRACT – The present work presents an analysis that aims to identify the main difficulties in the school context, the relationship between the teacher with their students because the problems that can be triggers of school failure, are closely related to attitude of the educator, the difficulties facing their students. we know that the quality of education is a major cause of school failure, however, it is necessary due to reflections on this relationship, the teaching-learning process, taking into account the conceptions of learning the new trends of education. if we consider that the democratic school has different goals, traditional school, you must create açoes of balance, they can collaborate to overcome the risk, in relation to failure of children fleeing to normal standards, not to fit into the learning model school or educator.

Keywords: literacy, learning difficulties, school

1. INTRODUÇÃO

Os problemas nos anos iniciais, especialmente o processo de alfabetização podem ser, um grande desafio a ser superado por todos educadores. Isso nos revela, o quanto é importante discutir este tema. As diferenças econômico-sociais internas, a questão da alfabetização, especialmente de crianças nos anos iniciais, ainda se constituem num problema a ser discutido e enfrentado de forma real e concreta, que resulte em ações positivas, distanciando o fracasso escolar de nossas realidades. A presente pesquisa busca analisar e verificar este problema, e fazer algumas reflexões quanto a estas questões, como vistas a superação dos obstáculos que existem no percurso de aquisição do sistema letrado, por parte de alunos do Ensino Fundamental, focando especialmente os alunos, de primeiro ao quinto ano.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu das necessidades de entendermos porque muitas crianças, embora em condições aparentemente favoráveis, não conseguem aprender a ler e a escrever, por tanto, as mesmas acabam sendo rotuladas ou deixadas de lado. Julgamos então, importante refletir sobre que caminhos são necessários na escola para evitar o surgimento, ou mesmo o agravamento de dificuldades na aprendizagem, na leitura e na escrita.

Na busca de meios para essa reflexão, optamos por realizarmos uma pesquisa qualitativa, buscando verificar nas bibliografias relevantes uma visão conciliadora e crítica, para quem acompanha e orienta o processo de aquisição e domínio do processo de letramento nos anos iniciais. Tal fato, talvez, contribuição para ressignificação da alfabetização, na escola, ou seja, na busca de outros significados, onde a compreensão de teorias sobre os processos de aquisição do conhecimento passam a ser importante do que a escolha de uma determinada metodologia.

O educador sabe que ler e escrever são atos muito importantes, portanto, a compreensão da natureza da escrita, de suas funções são usos indispensáveis ao processo de alfabetização. Sendo assim, pensamos importante investigar acerca das tentativas que as crianças fazem na escola, para aprender a ler e a escrever, buscando entender, como ocorre esse processo, e como se pode enfrentar e amenizar tais erros na alfabetização.

Quando entram na escola, as crianças já contam com uma enorme capacidade de análise da linguagem oral, já que o fazem como exercício constante, desde quando começam a falar num esforço contínuo de organização dos elementos da fala para comunicar-se.

Considerando muito simples a postura de quem ensina o alfabeto, ou as famílias silábicas e a associação de letras para a composição de palavras e frases, como se isto garantisse a aprendizagem da leitura e da escrita, no seu sentido amplo. Tal aprendizagem depende da compreensão, de como funciona a estrutura da língua e o seu uso no meio social, e não apenas na decifração do código.

Os acontecimentos e as metodologias são, portanto, imprescindíveis para o professor, em uma tarefa tão complexa como a de alfabetizar (preparar o aluno para a vida). A escola, muitas vezes, esquece-se de fundamentar-se nas necessidades naturalmente desenvolvidas pelas crianças e na sua própria atividade, e impõe a elas atividades descontextualizadas, uma escrita abstrata, sem relação com seu meio, baseada em apostilas ou livros didáticos que não tem sentido, por não lhes permitir avançar nas suas próprias tentativas e hipóteses. Alguns educadores ainda consideram o desenvolvimento da escrita simplesmente como uma complicada habilidade motora, o que sabemos que não é verdade.

Em vista desse quadro, propusemo-nos, então, a um estudo que analise e revele os mecanismos internos de produção do fracasso na aprendizagem durante o letramento, que é fundamental e muito importante para os nossos alunos, (Entendemos letramento como capacidade de ler e interpretar o próprio mundo), de forma que possa esse trabalho de pesquisa contribuir para reflexões a respeito do letramento, com vista à diminuição do fracasso escolar, no que diz sentido a leitura e a escrita.

1. A DIFÍCIL ARTE DE MEDIAR O ENSINO- APRENDIZAGEM

Muitas vezes quando refletimos, ou somos questionados quanto ao nosso real papel, como educadores, sempre pensamos quanto á nossa prática ou quanto aos nossos acertos e obstáculos que temos á superar. Segundo Gadotti (1993), existe uma definição que contrasta muito bem com relação ao verdadeiro papel do educador, que nos diz que ser professor é viver intensamente o seu tempo com sensibilidade. Não podemos imaginar o mundo sem educadores, pois deve se levar em consideração que o professor é um formador de opiniões que transformam as informações em conhecimento, tornando-os críticos, ou seja, formando pessoas capazes de lutar por seus direitos e por um mundo mais justo, com mais oportunidades para todos. Por isso, percebe-se que um mundo sem educadores é um mundo sem conhecimento, sem percepção de um futuro melhor.

Desta forma, o educador tem o seu papel definido dentro da sociedade atual, todavia, esse caminho possui muitas adversidades e contrastes. É preciso mais que consciência, busca-se por uma educação de atitude, mas o que fazer quando as dificuldades parecem ser maiores, que a capacidade para resolvê-las?

As chamadas dificuldades de aprendizagem ou fracasso escolar é um assunto vivenciado diariamente por educadora em sala de aula, desta forma desperta a atenção para a existência de crianças que frequentam a escola e apresentam problemas de aprendizagem. Precisa-se então questionar a postura do educador, quanto ao exercício de sua função, ou ainda ir um pouco mais longe, e questionarmos sua formação.

Para GADOTTI (1993) temos que ter consciência de que escolher a profissão de professor não é tão fácil como qualquer outra profissão. Muitas professoras dizem que escolheram essa profissão por simplesmente gostar de criança, oque não é errado, já que atuando em sala de educação infantil estamos em constante contato

com crianças. Mas também devemos pensar no real papel que estabelece nossa atuação.

Na verdade, tal postura se reflete com relação às crianças, por muitos anos, as crianças têm sido ignoradas, e mal diagnosticadas, a dificuldade de aprendizagem vem frustrando a maior parte dos educadores, pois na maioria das vezes não encontram soluções para esse problema. Acredita-se que as crianças com dificuldades constituem um desafio em matéria de diagnóstico e educação.

No entanto, não é raro encontrar educadores que consideram alguns alunos preguiçosos e desinteressados. Essa atitude não só rotula o aluno, como também esconde a prática docente do mesmo, que atribui ao aluno certos adjetivos por falta de conhecimento sobre o assunto em questão.

Muitos desses educadores desconhecem, por completo, que essas mesmas crianças podem estar apresentando algum problema de aprendizagem de ordem orgânica, psicológica, social ou outra.

É imprescindível ao educador, antes de rotular os seus alunos, conhecer os problemas mais comuns no ensino-aprendizagem para que seu horizonte de reflexão e, conseqüentemente, as suas percepções e a visão do todo, se ampliem.

Ao educador é enfatizada também a importância do conhecimento do conteúdo da disciplina a ser lecionada por ele, fazendo-o esquecer-se de que ele é educador.

Ora, existem alunos em sala de aula, e estes estão lá para aprender, mas a forma como a matéria é ensinada deve ser tão importante quanto à própria matéria. Por exemplo, não adianta ter um livro que explique tudo o que é preciso saber para o conhecimento de que se necessita, se ele não se apresentar didaticamente correta. O que se deseja dizer é que a forma de ensinar deve ser levada a sério e, por isso, é tão importante quanto o conteúdo, e como tal deve merecer respeito. A forma de ensinar abrange a observação da criança em sala de aula ou em outras atividades como Educação Física, Educação Artística e até mesmo no intervalo. Devem-se desconsiderar ações de educadores que priorizam apenas a Língua Portuguesa e a Matemática. A criança deve se desenvolver de maneira global.

Então, ter a consciência de verificar como a criança brinca, ouvir o que ela tem a dizer, ouvir as conversas das crianças entre si, tentar perceber como ela vê o

mundo, como organizar o seu modo de pensar qual a sua lógica, permitir que ela manipule objetos diversos, que movimente e aprenda os diferentes conteúdos, utilizando o seu corpo inteiro. Observar e analisar os alunos são de extrema importância, para possuir dados mais concretos e reais com relação às crianças, pois elas podem se apresentar através do seu próprio corpo, todas as experiências, sensações e sentimentos absorvidos em relação ao seu meio.

A criança deve ser analisada de maneira global, pois o ser humano é uma unidade indivisível, na qual todos os sistemas estão inter-relacionados e é interdependente, portanto a mesma não pode ser vista como um adulto em tamanho reduzido, pois, ela é um ser em plena formação.

A criança vive num corpo que se relaciona que cria, que se expressa, que sofre repressões, que vibra que se movimenta e que aprende.

Conforme MIRANDA (2000) é através do corpo que recebemos e passamos informações sobre o que acontece dentro e fora de nós. Portanto entende-se que nada acontece com nossa consciência que em nosso corpo esteja também relacionado.

Talvez a maior dificuldade no relacionamento entre educadores e crianças com problemas de aprendizagem, seja justamente a falta dessa visão global do ser humano, pois a tendência atual é analisar a criança parte por parte, como se ela fosse só um cérebro, um ouvido, um nariz, enfim, é dado valor acentuado aos seus sentidos, mas não aos seus sentimentos.

Muitas vezes acaba-se por esquecer o ser humano em formação que está ali, esperando por ser descoberto e estimulado.

GADOTTI, (1993) destaca ainda que o professor não pode ser um mero executor de currículo oficial, a educação deve ser acompanhada num todo. Por muito tempo a formação do professor era baseada somente por “conteúdos objetivos” hoje o saber científico pedagógico é considerado tão importante quanto às atitudes (conteúdos atitudinais ou procedimentais).

Estar inserido e conhecer a realidade do aluno, é ponto indiscutível entre todos, é preciso estar atento a essa maior proximidade com a comunidade e suas aspirações, pois, do que vale conteúdos apenas lançados com o objetivo de serem

meramente decorados, os alunos precisam vivenciar os conhecimentos, passar por experimentações e construir seu próprio conhecimento.

2.1 A aprendizagem e os seus distúrbios.

Segundo COLLARES E MOYSÉS (1993) o termo distúrbio de aprendizagem parece ter ganhado destaque na educação nos últimos anos. A utilização desmedida dessa expressão no cotidiano escolar seria mais um reflexo do processo de patologização da aprendizagem ou da biologização das questões sociais.

A dificuldade de aprendizagem, quando de origem biológica, pode ser bastante definida e clara, levando ao educador a supor que a área emocional e o ambiente familiar não tiveram nenhuma participação no seu aparecimento e determinação, neste caso esta se falando aqui das crianças com necessidades especiais.

Boa parte dos problemas que esbarram nesta área como lentidão de raciocínio, falta de atenção, desinteresse, encontram suas origens na biologia e, sobretudo na biologia exposta no meio ambiente.

Problemas de controle de comportamento, percepção e interação social podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem, mas elas não constituem por si só uma desordem de aprendizagem.

Embora dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente a outras condições desfavoráveis, o retardo mental, séria desordem emocional, problemas sensoriais motores ou influências externas, como diferenças culturais, instrução insuficiências ou condições. (MIRANDA,2000,p. 16).

Mesmo as teorias organicistas e baseadas nas neuropsicológicas admitem que os distúrbios mentais, mesmo brandos, podem se tornar muito piores em respostas a um ambiente de hostilidade, onde a criança é ignorada ou até mesmo maltratada.

Porém a teoria organicista costuma ignorar que as mudanças nas vidas das pessoas são um processo contínuo e diferente para cada pessoa. As divisões propostas ignoram as influências externas no processo do desenvolvimento.

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem as causas físicas ou psicológicas, nem a análise das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que considerem fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebido dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

Se o rendimento escolar da criança for sofrível, esta criança talvez seja vista como um fracasso pelos professores ou colegas e até pela própria família. Muitas dessas crianças desenvolvem uma auto-estima negativa, que agrava em muito a situação e desinteresse pela escola.

A dificuldade de aprendizagem é uma condição bastante abrangente, que se manifesta, sobretudo pelo fracasso escolar. “Esta condição tem um leque muito amplo de causas, mas sua forma evolutiva está intimamente relacionada com o sistema familiar, educacional e terapêutico no qual o sujeito está inserido” (SOUZA, 1995, p.22).

Muitas são as causas para o aparecimento das dificuldades de aprendizagem e outras tantas, são as formas como se manifestam. Ao se refletir sobre o assunto, devemos ter em mente que as causas dos distúrbios são múltiplas.

Não se pode ter a ideia, de que um distúrbio de aprendizagem é causado por um único fator. Quando uma criança não aprende, uma multiplicidade de fatores vai se combinando e, na maioria das vezes fica difícil isolar um único fator que seja o responsável pelo fracasso que a criança apresenta na escola.

De acordo com PAIN (1992). São diversos fatores que causam os distúrbios de aprendizagem:

- Deficiência mental: é uma das causas mais comuns e freqüentes das dificuldades de aprendizagem. A deficiência afeta as áreas simbólicas e ler e escrever são processos simbólicos. Mas, tem de ficar claro que a criança com necessidades especiais, também aprende e passa pelos mesmos estágios de desenvolvimento pelos quais passa uma criança normal, só que a primeira demora mais tempo para atingir esses estágios e passar por eles;

- Déficits sensoriais e físicos: crianças que possuem acuidade visual ou auditiva rebaixada ou que apresentam paralisias ou problemas motores;
- fatores emocionais: crianças com muita ansiedade em relação à aprendizagem, quer por exigências familiares ou escolares. Crianças em estados depressivos causadas por perdas. Crianças que não se adaptaram ao contexto escolar. Problemas mais graves que envolvem os estabelecimentos de vínculos emocionais como o ambiente (autismo, psicose);
- Interação com o ambiente letrado: a maioria dos estudos indica que distúrbios de aprendizagem começam antes da criança ingressar na escola. A qualidade da interação com o ambiente letrado e com as pessoas que dele se utilizam (pais, educadores, etc.) teria grande peso no sucesso e no fracasso escolar;
- Fatores escolares: A interação do educador com o aluno é de suma importância no processo de aprendizagem. Educador que não acredita na capacidade de aprendizagem de seus alunos tende a conduzi-lo ao fracasso;
- Rendimento limítrofe: a maioria das crianças com problemas de aprendizagem apresentam um rendimento limítrofe nas provas. A média desse rendimento anda em torno do QI oitenta. As estruturas cognitivas não aparecem com retardo, mas sua aplicação resulta instável e submetida a regressões bruscas;
- Normal baixo: mesmo que os sujeitos de rendimento normal baixo possam obter eventualmente um QI igual ao limítrofe (oitenta como médias) o protocolo indica menor dispersão e se observa maior homogeneidade na aplicação das estruturas construídas que costumam ser sólidas;
- Normal: o sujeito normal é o que tem um QI entre noventa e cento e dez;
- Normal superior: o tipo de rendimento correspondente ao sujeito normal superior é qualificado inteligente. A maioria dos problemas de aprendizagem em crianças bem dotadas surge de má inserção escolar e de um predomínio na assimilação;
- Superdotados: os que têm QI superior a cento e trinta, quando apresentam problemas de aprendizagem mostram grande precocidade na aquisição de estruturas, que entra frequentemente em contradição com carência na necessária acumulação da experiência no estágio anterior. Em geral, apresentam um déficit lúdico. (PAIN, 1992).

Diagnosticar o não aprender como sintoma consiste em encontrar sua funcionalidade, isto é, sua articulação na situação integrada pelo aluno e seus pais. A falta de aprendizagem revelará seu significado se prestarmos atenção á maneira como o sujeito é para o outro, evidentemente a partir de sua maneira particular de ser como organismo e como história.

A categoria aprendizagem é ampla e envolve problemas relativos ao desenvolvimento infantil. Veja os mais comuns:

- Ritmo: cada um tem uma velocidade própria de aprender. Crianças com distúrbio apresentam ritmo mais lento. Elas precisam de um tempo maior para compreender um novo conceito. Quando o professor planeja levando em conta as particularidades de cada aluno, evita que alguns fiquem pelo caminho;

- Linguagem oral: há crianças que não apresentam nenhum déficit auditivo que impeça a falar, mas a compreensão e a expressão estão prejudicadas, inclusive no aspecto cognitivo. Da mesma forma, há aqueles que estão aparentemente bem, mas revelam dificuldades gerais quanto à evolução escolar (redação, ortografia, leitura, compreensão de textos e exercícios matemáticos, etc.).

Provavelmente, elas sofrem desse distúrbio de aprendizagem e precisam de atenção especial em sala de aula;

- Linguagem escrita: são casos nos quais, apesar das habilidades orais estarem resolvidas, as crianças tem dificuldades no aprendizado da escrita. Língua Portuguesa, neste caso, é a disciplina mais prejudicada. (PAIN, 1992).

2.2 A capacidade cognitiva e as dificuldades de aprendizagem.

Também temos presenciado alguns educadores colocando que crianças de classes baixas, são incapazes de aprender, que seu aluno não aprende porque seu pai também possuía dificuldades na época em que estudou naquela escola, e que quando entram na sala de aula precisam infelizmente, baixar o nível de suas explicações, pois do contrário, os seus alunos não aprendem.

Considerando a citação de GADOTTI, (1993) onde ele indaga a diferença entre competência e habilidade, e que o professor pode ser competente e ter conhecimento em determinada disciplina, mas pode também não ter habilidades

práticas para o ensino. Podemos refletir, e nos questionarmos quanto a nossa prática. O porquê devemos sempre buscar soluções e o trocar de experiências com os colegas, seria mais construtivo do que simplesmente rotular nossos alunos, para assim nos livrarmos de um problema que nós temos que resolver.

Uma criança com uma deficiência cognitiva a partir de uma resposta imprópria que ela dá a um teste ou uma prova, mas se o sujeito fosse um adulto bem posicionado socialmente, a interpretação seria bem diferente. Isso sem falar das crianças com necessidades especiais, que para muitos educadores parecem incapazes de aprender, mas que na verdade, na sua simplicidade e alegria nos ensinam a viver, e quando se acredita no seu potencial e na sua capacidade cognitiva, elas respondem positivamente aos estímulos.

A utilização do termo distúrbio de aprendizagem chama a atenção para a existência de crianças que frequentam escolas e apresentam dificuldades de aprendizagem, embora aparentemente não possuam deficiência física, sensoriais, intelectuais ou emocionais.

Esse rótulo pode ocasionar condições muito desfavoráveis para uma aprendizagem significativa para estas crianças, ou ainda permitir que estas crianças sejam apontadas pelos amiguinhos e até mesmo ignoradas.

Será que podemos realmente taxar alguém de inteligente quando estamos apenas olhando para um corpo?

Precisamos estar atentos a este sonho vivido na educação, como afirma FREIRE, 1997. Não podemos afirmar quem é mais inteligente, o educador precisa considerar todas as habilidades de seus alunos. Precisamos acreditar nesses seres humanos que são entregues á vida para que sejam orientados na sua aprendizagem, e devemos esquecer as aparências e, realmente, como educadores conscientes, enxergar as capacidades dos nossos alunos.

O que precisamos entender é que dificuldades de aprendizagem todas as pessoas tem, e por muitas razões e causas. Essas dificuldades aparecem em função do que se tem para fazer. Um adulto tem dificuldades para lidar com um computador, embora seu filho consiga utilizá-lo sem maiores problemas.

Partimos do princípio de que, dificilmente, as crianças são iguais, que a diferença entre os indivíduos de certo grupo é fundamental, pois se essa

desigualdade, não seria possível a troca e, conseqüentemente, o alargamento das capacidades cognitivas pelo esforço partilhado na busca de soluções comuns.

2. A PSICOMOTRICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA.

Segundo SOUZA, (1995) a psicomotricidade não se traduz no simples ato motor ou se restringe ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, mas envolve uma atitude educativa ampla por parte do educador, uma atitude pedagógica voltada para o crescimento físico, afetivo e mental da criança. A observação da criança por todos os envolvidos no processo de alfabetização é de grande importância. “Desenvolver o aspecto comunicativo do corpo, o que equivale a dar ao indivíduo a possibilidade de dominar seu corpo” (SOUZA, 1995, p15).

Especialmente no período de alfabetização, a linguagem da criança tem como função de expressão e comunicação do pensamento, e também a função de socialização. A linguagem vai permitir a criança trocas de experiências.

O educador deverá propor problemas, criar desafios, provocar desequilíbrios dentro do nível de possibilidade do aluno. O trabalho de psicomotricidade deve ser adequado às características próprias da fase evolutiva do aluno.

“Não só o aluno é sujeito da ação pedagógica, mas também o próprio educador, enquanto mediador do processo de alfabetização.” (SOUZA, 1995, p 17).

Quem comanda o processo é o educador. Isto não significa que ele não precise da ajuda dos pais, dos demais educadores, como o de Educação Física, Educação Artística e do coordenador pedagógico dentre outros.

O bom trabalho com psicomotricidade começa no reconhecimento do educador enquanto profissional, e no da família como sendo o primeiro ambiente em que a criança vive.

O envolvimento da família no processo de alfabetização é tão importante como escolher uma boa proposta pedagógica. Esta proposta deverá estar fundamentada num processo individual de cada aluno, na descoberta do seu próprio conhecimento. Neste processo da psicomotricidade, faz-se necessário a

interferência de FERREIRO e TEBEROSKI (1985) em relação a família quando dizem que tem que existir um acordo entre família e escola , onde os pais fazem com os filhos o que eles aprenderam, controlando a tarefa de casa por meio de cartilhas, questionando a atuação do professor quanto a quantidade de folhas preenchidas no caderno da criança.

Neste trabalho psicomotor, os pais podem ser aliados dos educadores. Em casa eles podem brincar com os filhos, o que representa uma grande ajuda no processo de alfabetização (jogar dama, ludo, boliche, pular corda, amarelinha, etc.).

Permitindo assim que a criança explore o seu espaço e o seu meio, descobrindo-se e redescobrimdo-se a todo instante.

O que se constata, é que não é suficiente ter capacidade intelectual para aprender com facilidade. É necessário também que se acompanhe uma estrutura de personalidade razoavelmente madura do ponto de vista emocional, construída sobre uma relação familiar saudável.

Pensando sobre dificuldade de aprendizagem e sua relação com a estrutura familiar, observa-se que muitas vezes, a compreensão dessas relações não torna as crianças mais inteligentes, mas permite que elas utilizem melhor seu potencial.

Esta visão mais global das dificuldades de aprendizagem permite uma articulação entre inteligência e os desejos da criança.

A aprendizagem e seus desvios, para FERNÁNDEZ (1991), compreendem não somente a elaboração objetivante, como também uma elaboração mais subjetiva, nas quais estão relacionadas às experiências pessoais, aos intercâmbios afetivos e emocionais, recordações e fantasias, ou seja, o mundo em que a criança vive e se relaciona.

Para SOUZA (1995), refere-se à dificuldade de aprendizagem quando a criança tem algum problema familiar, como sendo um impedimento de um bom desempenho intelectual, vinculada a problemáticas emocionais associadas a conflitos familiares não explicitados. SOUZA (1995, p 27).

Ainda segundo o autor podemos perceber que quando a criança nasce ela já vem inserida numa história familiar, que recebe então experiências passadas de várias gerações.

Toda criança em idade escolar sabe que precisa ter sucesso nos estudos, o que é exigido por seus pais, familiares, colegas, educadores e pela sociedade como um todo. O sucesso opõe-se ao fracasso, e este implica num juízo de valor, num julgamento que deve corresponder a um ideal.

A criança com dificuldade de aprendizagem está, na maior parte das vezes, situada numa família onde seu discurso não encontra um sentido. A ela muitas vezes cabe a função de carregar o peso da história do grupo.

4. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.

O ensino de Língua Portuguesa sustenta-se em três pilares básicos: a oralidade, a leitura e a escrita. Esses três pilares quando abordados através de textos significativos, frequentemente influenciam um contexto vivo que favoreça a aprendizagem dos alunos.

O aluno ao frequentar à escola traz consigo uma série de expectativas em relação à língua seja ela oral ou escrita. Nesse processo, deve-se permitir ao aluno sua aprendizagem, tentando escrever a partir de suas hipóteses e elaborando, na escrita, a sua fala, recriando, nas suas produções escritas, os textos, seja de forma oral escrita ou apenas visual.

É na escola, que o aluno poderá discutir suas experiências de vida e mesmo de contato com a escrita, o aluno vai descobrindo palavras novas e, independente da sequência que esta sendo proporcionada pelo educador, vai realizando seu processo de leitura e compondo seus primeiros processos de escrita.

Para o alfabetizando, a linguagem reveste-se de múltiplas formas. Por isso mesmo, é de grande importância que as atividades diárias de alfabetização aconteçam no contexto desta pluralidade simbólica e que, cada atividade didática, proposta pelo educador, seja desafiante e motivadora, para se traduzir efetivamente em aprendizagem necessária ao educando, para que ele se torne cada vez mais, sujeito de sua própria aprendizagem, evitando desta forma o fracasso.

Segundo ANGELA KLEIMAN e INÊS SIGNORINI explicam que “o papel da escola não é apenas o de ensinar aquilo que o aluno precisa, mas também o de criar novas necessidades que lhe permitam ter acesso a outras instituições.” (2001, p.235).

As possibilidades de escrita realizadas na escola devem favorecer à progressão dos alunos, partindo sempre de textos familiares que possibilitem a oportunidade de se inserir efetivamente nas condições de letramento possíveis.

Nem sempre os textos propostos pelo educador pertencem ao universo do aluno, e o descobrimento desses, ou a imposição da escola, podem fazer com que o aluno fracasse diante da escrita. É preciso, nesse primeiro momento, que o aluno produza o que interessa a ele, para depois avançar e produzir também o que interessa à escola e à sociedade.

O educador deve persistir na construção de funções significativas de escrita, que favoreçam o desenvolvimento dessa habilidade. As situações de escrita e de produção de texto devem extrapolar os limites da sala de aula indo ao encontro das práticas do aluno, tanto na sua vida pessoal, quanto na realização de suas atividades.

De acordo com PEDRO DEMO (2001) o professor tem que estar preparado para fazer e refazer seu material didático, ou seja, estar pronto para construir seu próprio projeto pedagógico, construindo textos, usando de atividades que contribuam para combater o fracasso escolar dos alunos, passando a ser autor de suas ideias e não somente um mero transmissor de conteúdos.

Ou seja, a educação no que se refere ao ensino da Língua, num sentido bem amplo, deve ser capaz de tornar o educando um leitor, capaz de desfrutar da cultura letrada de maneira crítica, construtiva e libertadora.

O educando precisa ser orientado para o gosto tanto para leitura quanto para escrita. Aprender a própria língua significa valorizá-la, abrindo um horizonte de comunicabilidade que favoreça as relações humanas em toda a sua plenitude.

Ainda segundo PEDRO DEMO nesse mesmo sentido, a ideia de que a educação deve ser uma demonstração de vida em toda sua complexidade, quando se relaciona com a comunidade, para revelar um modo organizado de avaliar e, portanto, de ensinar o mundo em todas as suas demonstrações.

O ensino da Língua Portuguesa deve consistir para os educandos, uma aprendizagem significativa, a começar pelas necessidades de escrita, de leitura e de exploração oral que fazem parte da vida do educando. Além da Língua Portuguesa, a disciplina de matemática, como será visto a seguir, também tem uma importância particular na construção e reelaboração do conhecimento pelo aluno, e quando proporcionada ao aluno como desafio e não como obrigação é possível se obter resultados contrários aos tão assustadores fracasso escolar.

5. O ENSINO DE MATEMÁTICA COM SIGNIFICADO REAL

O ensino da matemática tem passado por diversas mudanças significativas, embora ainda, não tenha superado o paradigma de que é difícil a sua compreensão, que é muito abstrato, e muitas vezes, é compreendido como totalmente desvinculado de significados reais, ausentes do cotidiano do aluno.

No que diz respeito à Educação, a matemática parece ser um grande vilão quanto ao fracasso escolar. Mas devemos considerar que essa disciplina ganha um significado essencial quando relacionado ao contexto do educando, pois os números, os cálculos e as operações, direta ou indiretamente, fazem parte do universo de todos nós, logo podemos com certeza relacionar os acontecimentos e a própria rotina para criar a resolução de problemas mentalmente, através do processo de raciocínio lógico. Sempre quando estimulados e desafiados, os alunos demonstram mais interesse pelo conteúdo, e podem buscar por várias alternativas para encontrar uma mesma resposta, dessa forma os alunos podem confrontar ideias e perceberem que para a matemática existem caminhos variados e que o educador apenas propõe, mas não pode obrigar a decorar regras e cálculos.

A maior dificuldade dos alunos, entretanto, está no registro. Muitos alunos possuem dificuldades em organizar seus pensamentos e transcrevê-los para o papel. Muitos alunos conseguem encontrar respostas, mas ainda não conseguem expor o processo de raciocínio. É preciso considerar então a oralidade e não apenas registros, muitos educadores não consideram o acerto quando o aluno apresenta o resultado, e mesmo ele estando correto, mas sem seguir os padrões orientados, o educador que desconsidera a sua resposta, frustrando o aluno, sem proporcionar-lhe ampla discussão do por quê?

Os alunos são capazes de desenvolver cálculos, e em muitos casos, possuem uma boa memorização, que permite um raciocínio rápido em determinados contextos, embora, muitas vezes, não saibam explicar como chegaram a tal resultado.

Apesar das críticas à matemática Tradicional e ao ensino mecânico dessa disciplina caracterizada por uma pedagogia Tradicional, que enfatizava a memória em detrimento da compreensão podemos observar que a concepção da matemática continuou fundamentalmente inalterada.

Entretanto, apesar dos avanços já obtidos, muitas vezes, a matemática ainda é vista, por grande parte dos educandos, como distante da realidade e abstrata, trabalhada como uma concepção mecânica e alienada, e sem qualquer problematização.

Para que uma metodologia diferenciada, possa ser garantida no ensino da matemática, é preciso que os educadores deixem de ver essa área do conhecimento como algo para gênio, altamente desvinculada do cotidiano.

É preciso mudar essa concepção e partir do pressuposto de que, se ensinada dentro de um contexto, ela ganha significado para os alunos. Vale ressaltar que ela está presente em tudo, e que seu entendimento é possível. Porém, para que determinadas visões, implantadas, sejam mudadas, é preciso possibilitar e criar condições para que o educador possa se aperfeiçoar e descobrir novas metodologias que venham ao encontro das necessidades dos alunos.

O educador deve criar interpretar e construir seus próprios meios, para resolver os problemas que surgem e estar devidamente preparado para trabalhar com as dificuldades específicas, de cada aluno. O conteúdo matemático não pode ser visto segmentado, mas sim como uma totalidade, que tem relação com um determinado contexto. Não se trata de novas metodologias, ou simplesmente descartar a memorização. Afinal, ela exerce um papel significativo no processo de apreensão dos conteúdos.

É necessário que a memorização seja trabalhada, pelo educador, após a compreensão dos conteúdos. Para que o ensino e a aprendizagem ganhem significado, o educador necessita conhecer mais a matemática, que estão relacionadas com as atividades diárias, pois ela pode atribuir sentidos aos

encaminhamentos em sala de aula, de forma que o conteúdo deixe de ser apenas abstrato.

Segundo Carraher (1996), "o próprio sistema educacional obstrui as vias de acesso da classe baixa à educação formal, eliminando a possibilidade de que seus membros possam resolver por si próprios os problemas sociais e econômicos que enfrenta" (CARRAHER 1996, p.25).

A matemática engloba um largo campo de relações que despertam a curiosidade e que provocam a capacidade de projetar, de prever e de abstrair. É, ainda, a base para a construção e para elaboração de outros conhecimentos relacionados às demais áreas, exigindo o raciocínio, a interpretação, a leitura viva, que leva educando a um questionamento mais elaborado.

Dominar cálculos e resoluções de problemas da matemática são habilidades cada vez mais necessárias na sociedade atual, tendo-se em vista a complexidade que o mundo do trabalho exige a agilidade necessária para interpretar questões, para buscar respostas aliadas a cada nova situação.

A disciplina de matemática tem um papel formativo que consiste no desenvolvimento das capacidades intelectuais, para a estruturação do pensamento e do raciocínio lógico, bem como, um papel funcional, que visa as aplicações na vida prática e na resolução dos mais diversos tipos de problemas que permeiam o cotidiano. É importante, para que se possa romper com o fracasso escolar, realizar um trabalho que parta do conhecimento prévio do aluno e que, a partir desse contexto, provoque a sistematização de outros conteúdos, inclusive pertencentes a outras disciplinas.

Muitos alunos, por exemplo, já dominam procedimentos de contagem e de cálculo, de estratégias de aproximação e de estimativa. O educador, no papel de mediador pode favorecer essa aprendizagem, proporcionando ao educando oportunidades para que ele se aplique, oralmente, as operações e cálculos realizados mentalmente e, em seguida, transcreva esses processos para a escrita.

É importante, ainda, que nesse processo de ensino- aprendizagem, o educador explique aos alunos a relação existente entre conteúdos trabalhados e as demais áreas do conhecimento e também a relação como seu contexto histórico e

social. O aluno precisa querer aprender e ver no ensino a sua importância em relação com a sua própria vida.

O educador não deve conceber a matemática simplesmente como um processo mecânico de memorização, mas sim como algo concreto, no qual o aluno age e estabelece noções de cálculos, até mesmo abstratos, com a finalidade de chegar a um resultado.

É preciso que o educador seja mediador, no sentido da busca de conteúdo significativo, que faça a diferença na aprendizagem do aluno. Não basta o estudo para passar em provas e exames. É preciso construir o significado com o aluno.

O ensino da matemática não se refere apenas ao domínio de cálculos, de regras ou de fórmulas, nem visa pura e exclusivamente à memorização, como já apontado nesse texto. Portanto para que se tenha êxito no ensino-aprendizagem, é preciso que ganhe um significado, que a matemática, seja sustentada nas situações problema vinculada ao cotidiano do aluno, dentro e fora do contexto escolar.

Entende-se que o real exercício da cidadania requer um cidadão ativo, participativo, capaz de resolver os problemas presentes em seu contexto. É preciso que ele seja participativo, capaz de resolver os problemas presentes em seu contexto, necessitando então que ele esteja em constante aperfeiçoamento, para ser capaz de atender as suas próprias necessidades e as do seu meio.

“A matemática indica a necessidade geral do domínio do pensamento abstrato sistematizado, já se tornando uma espécie de língua da modernidade”. (CARRAHER e SCHLIEMANN, 1996, p.243).

O autor enfatiza a ideia de que o raciocínio exigido por essa disciplina está relacionado com os diversos problemas e necessidades sociais, e que os números estabelecem relação com as várias áreas do conhecimento.

O educador não pode perder de vista que a matemática, pois esta disciplina se fundamenta na construção e reconstrução do saber sistematizado, aliado ao contexto real. O educador deve funcionar como um facilitador, na mediação entre o conhecimento informal e formal. A fragmentação de conteúdos é prejudicial à aprendizagem, contribuindo apenas para a alienação, para a memorização e para que a distância entre a escola e o mundo fora dela seja ainda maior.

Ainda segundo CARRAHER e SCHLIEMANN (1996) a matemática é ensinada de maneira tradicional, sem conhecimento aos que os alunos já sabem, ou seja, tratamos nossos alunos como se eles não soubessem nada sobre os conteúdos ainda não ensinados.

Entretanto, muitas das situações problemas expostas, em sala de aula, estão totalmente destituídas de significado, por estarem desvinculadas do cotidiano desses alunos. Assim as regras e as fórmulas que determinam o trabalho em sala de aula, muitas vezes acabam por esvaziar o significado do próprio ensino, que deveria proporcionar condições de entendimento e de compreensão por parte dos alunos.

O educador, em suas aulas, necessita buscar e utilizar formas estratégicas que atendem aos interesses de seus alunos, de modo a tornar o ensino dessa disciplina condizente com as necessidades do aluno.

Depois de termos tratado das questões históricas da dificuldade de aprendizagem, ou seja, de um modo geral do fracasso escolar, esperamos ter nos posicionado, não quanto aos culpados, mas sim, como desviar do próprio fracasso escolar.

6. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado por meio de revisão de literatura, que consiste, como apontam Lakatos e Marconi (2001), num levantamento de bibliografia já publicada em forma de revistas, publicações avulsas, impensas escritas, livros etc. Procurou-se inicialmente, selecionar bibliografias disponíveis, que pudessem dar as devidas orientações sobre como encaminhar nossos estudos. A escolha dos procedimentos metodológicos tornou-se fundamental importância, para analisar e estruturar os dados bibliográficos colhidos.

Refletimos apoiados nas bibliografias, para, que pudesse ter uma visão, de que atitudes podem ser tomadas em relação a este estudo, podendo ser feito no futuro uma pesquisa mais profunda nesse assunto.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na referente pesquisa foi possível observar que apenas mascarar os números ou aprovação automática dos alunos, não resolve o problema, precisamos formar alunos para o exercício pleno de sua cidadania, e conscientes da sua participação junto a sociedade com relação aos seus direitos e deveres.

Podemos perceber um item muito importante e que está intimamente ligada ao fracasso escolar que é a formação dos educadores, esta formação deve ser contínua, e atualizada, pois o educador embora possua estudos para sua formação técnica, ou mesmo com a graduação, precisa estar sempre sendo capacitado e atualizado, para que ele possa ser mediador e grande facilitador da aprendizagem para os seus alunos.

Observamos também, que os recursos materiais, e a estrutura física da escola, devem ser considerados como investimento e não como gasto, como muitos políticos, é preciso oferecer educação de qualidade, a escola precisa equipar-se, dar estrutura aos educadores, para que os mesmos possam oferecer aos seus alunos condições mais atualizadas, e possibilidades de contextualização com experimentações práticas do conhecimento, para isso é fundamental que a escola possua: biblioteca, laboratório de informática, quadra, sala de vídeo, enfim todas as condições que possam proporcionar ao aluno, prazer em estar na escola, e oportunidade do educador, em oferecer aos alunos uma prática educacional modernizada, longe da lousa e do giz, onde os alunos possam ser construtores do seu próprio conhecimento, tendo como mediador o educador, que sem dúvida nenhuma é a peça fundamental no contexto escolar, na luta contra o fracasso de seus alunos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um educador não pode subestimar seus alunos, deve proporcionar um meio cultural de experiências enriquecidas, no qual os mesmos possam desenvolver plenamente suas capacidades. Precisamos entender que dificuldades de aprendizagem, todos nós temos, e por muitas razões e causas e as mesmas aparecem em função do conhecimento que se objetiva.

Problemas de aprendizagem sempre existirão, e isso é maravilhoso porque, por traz do erro de um aluno, existe a oportunidade de descobrir como ele organiza o seu pensamento. O erro proporciona vida dentro de uma sala de aula, pois alguns alunos, aqueles que erram, pensam diferente dos demais, isto é ótimo, pois proporciona uma riqueza cognitiva á disposição do educador, que deve aproveitar o erro, para sanar as dificuldades, e não para usar o erro como ponte para o fracasso escolar.

Aquele aluno que decora não aprende com o real significado, mas aquele que erra nos mostra que esta pensando, elaborando o seu conhecimento, construindo o seu saber. Os educadores precisam, ao defrontar com os erros de seus alunos, questionarem o porquê daquela resposta, e então começará a entender como eles pensam.

Cabe a ele, criar situações de ensino complementares, para ajudar ao aluno com mais dificuldades a vencer o que já foi superado pela maioria dos colegas, sentindo-se assistido pelo educador e em momento algum excluído ou criticado.

Se o educador e seus alunos conseguirem estabelecer, em sala de aula, uma atmosfera de respeito mútuo, pode-se dizer que, de fato, a interação social do grupo é não só formativa como também constitutiva de um novo saber e de uma nova forma de relacionamento interpessoal.

Todas as crianças, independentes de quaisquer atributos usados para definidas, possuem condições para, por si mesmas, progredirem do ponto de vista do conhecimento.

Cabe ao educador, proporcionar um ambiente rico e desafiador, compreendendo que o processo de aprendizagem baseia-se na ação do sujeito, e na busca da superação.

O fracasso escolar não pode ser limitador, mas sim o motivo pelo qual devemos refletir e nos posicionarmos, quanto aos nossos acertos e oportunidades de criar novas situações, ricas em desafios e motivadoras para os nossos alunos.

O fracasso escolar é responsabilidade de todos, e nesse esforço comum devemos buscar soluções e condições para superar-se a cada dia enquanto educadores e formadores de opiniões.

9. REFERÊNCIAS

CARRAHER, T.; CARRAHER D.; SCHLIEMANN, A. L. **Na vida dez, na escola zero**. 10ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. **Caderno CEDE**, nº.28, Campinas: Papirus,1993.

DEMO, P. **Política social, educação e cidadania**. Campinas: Papirus, 2001.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2ª reed. Porto Alegre, 1991.

FERREIRO E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido- Novo Hamburgo: Feevale, 2003

KLEIMAN A B.; SIGNORINI, I. **O Ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

KLEIMAN, A. B. **A formação do professor**. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIRANDA, M. I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização**: contribuições da teoria piagetiana. Araraquara: JM Editora, 2000.

PAIN,Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RAAB. Revista: **Alfabetização e cidadania: educação matemática**. Nº 14, jul. 2002.

SOUZA, A. **Pensando a inibição intelectual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.